

MÁTRIA

XXI

11

REVISTA DO CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
PROF. DOUTOR JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO

2022

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO PROF. DOUTOR JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO

Mátria XXI

- n.º 11 -



Santarém • Maio de 2022

FICHA TÉCNICA

Título

MÁTRIA XXI – N.º 11, Revista do Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão

Edição

Centro de Investigação Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão

Director

Professor Doutor Martinho Vicente Rodrigues

Conselho de Redacção:

Professora Doutora Adriana Veríssimo Serrão;
Professor Doutor Vítor Serrão;
Professora Doutora Ana Cristina Raimundo;
Procurador da República, Dr. Artur Rodrigues;
Professor Doutor Eurico Gomes Dias;
Professora Doutora Florinda Matos;
Professor Doutor Jorge Manrique Martínez;
Professora Doutora Maria de Fátima Reis;
Professor Doutor Pedro Sequeira;
Professor Doutor Rui Neto e Matos.

Secretária

Juíza Desembargadora, Dra. Manuela Bento Fialho

Coordenadora Editorial e Edição Gráfica

Mestre, Dra. Vanda Marisa Marques

Direcção Administrativa e Comercial

Dra. Mónica Estrela

Conselho Editorial:

Adriana Veríssimo Serrão;
Adriano Cordeiro;
Aires-Barros;
Alberto González Rodríguez;
Ana Cristina Raimundo;
Ana Leal Faria;
Ana Maria Carabias Torres;
António José Gonçalves de Freitas;
António Pedro Vicente;
Aurélio Fernando Rosa Lopes;
Avelino de Freitas de Meneses;
Bernardo Vasconcelos e Sousa;
Carlos Roberto Figueiredo Nogueira;
Carlos-Antero Ferreira;
Carolyn Elizabeth Leslie;
César Augusto Rodrigues Garcia;
Elena Perulero Pardo-Balmonte;
Maria de Fátima Reis;
Florinda Matos;

Francisco José Portela Sandoval;
Francisco Ribeiro da Silva;
Gabriela Ferreira Gândara Terenas;
George Félix Cabral de Souza;
Gerhard Otto Doderer;
Isabel Ferreira da Mota;
João Luís Cardoso;
Jorge Silva Lopes;
José Manuel Garcia;
José Sanchez-Arcilla Bernal;
Josefina Maria Cristina Torales Pacheco;
Juan Carlos Monterde García;
Júlia Montenegro;
Laurinda Faria dos Santos Abreu;
Luís Filipe Monteiro Vieira de Castro;
Luísa D'Arienzo;
Magdalena Rodríguez Gil;
Manuel Lobo Cabrera;
Margarida Garcez da Silva Ventura;
Maria Alegria Fernandes Marques;
Maria da Conceição Vaz Cabrita;
Maria Irene Aparício;
Maria José Azevedo Santos;
Maria Teresa Nobre Veloso;
Nicolás Sánchez-Albornoz Aboín;
Pedro Jorge Richheimer Sequeira;
Remédios Moran Martin;
Rui Neto e Matos;
Rui Nunes Correia;
Vítor Serrão.

Contactos

Centro de Investigação Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão

Casa de Portugal e de Camões
Rua Capitão Romeu Neves, R/C, Dtº
2005 - 157 Santarém - Portugal

Telefone: 243 304 662

<http://cijvs.cm-santarem.pt>

E-mail:

cijvs@cm-santarem.pt

Director:

martinho.rodrigues@cm-santarem.pt

Depósito Legal: 344744/12

ISBN: 2182-6544

ÍNDICE

Editorial

Prof. Doutor Martinho Vicente Rodrigues 9

O Padre Vieira em Amesterdão

Prof. Doutor Guilherme d'Oliveira Martins 13

O Foral Antigo de Santarém: do original, em latim, às versões em Português

Doutoranda Lina Maria Soares 17

Imagens e devoções marianas no território da diocese de Santarém a partir do Santuário Mariano de Fr. Agostinho de Santa Maria (1707-1723)

Prof. Doutor Tiago Moita 47

“Preces por agoa”: exemplos da pregação em torno do fenómeno da seca nos séculos XVII e XVIII

Prof. Doutora Fernanda Maria Guedes de Campos 93

Demografia e epidemias em Sines: os anos de 1720-1760

Prof. Doutora Sandra Patrício 113

<i>As Damas da Casa da Rainha – uma análise concisa dessas dignidades e cargos femininos, com especial relevo para os séculos XVII, XVIII e XIX</i>	177
Prof. Doutor António Pereira Coutinho	
<i>A facção militar Silveira: um caso de estudo ultra-realista (1820-1834)</i>	207
Prof. Doutor Daniel Estudante Protásio	
<i>1829 - Ordem de regresso da Companhia de Jesus a Portugal: para a propagação da Fé, para o serviço do Rei, e utilidade de seus Estados e Vassallos</i>	239
Prof. Doutora Francisca M. Branco Veiga	
<i>Republican Propaganda in Britain: Progressive Portugal or Domestication of the Other?</i>	271
Prof. Doutora Gabriela Gândara Terenas	
<i>Quão valiosa era a música para freiras de clausura? Um estudo de caso em S. Bento de Cástris</i>	287
Prof. Doutora Elisa Maria Lessa e Prof. Doutora Margarida Sá Nogueira Lalanda	
<i>A ação militar de Portugal no Sul de Angola em 1914: os acontecimentos de Naulila</i>	309
Mestre, Dr. Paulo Jorge Lopes da Silva	
<i>O veraneio em Portugal no início do século XX: alguns aspetos</i>	347
Prof. Doutora Irene Vaquinhas	

<i>A Plasticidade na Investigação: Controvérsias e Complexidades Epistemológicas</i>	
Doutorando Roberto Fernandes	365
<i>Entre a mesticite e a mestiçofobia: velhas e novas formulações da mestiçagem</i>	
Prof. Doutora Maria de Lurdes Caldas	393
<i>João Lourenço de Monsaraz – entre a construção de uma biografia e o desfazer de um equívoco</i>	
Doutorando Paulo Bruno Martins dos Reis	423
<i>As Cartas Familiares de D. Francisco Manuel de Melo – um intérprete do seu tempo</i>	
Doutorando João Abel da Fonseca	449
<i>Joaquim Veríssimo Serrão e Marcello Caetano: uma relação de Amizade e Lealdade</i>	
Mestrando, Dr. João Zambujo de Oliveira	515

Prémios de Investigação 2021

<i>Quotidianos sob o impacto da 1ª Grande Guerra: alguns aspectos</i>	
Prof. Doutora Irene Maria Vaquinhas	565

O veraneio em Portugal no início do século XX: alguns aspetos

Irene Vaquinhas¹

Resumo

Neste estudo é feita a contextualização histórica da emergência do turismo balnear no século XIX, no quadro europeu, e analisa-se, com algum detalhe, o caso português. Este desenvolveu-se em grande medida suscitado pela melhoria das acessibilidades proporcionada pela construção dos caminhos de ferro, o que vai permitir, mediante a ligação à rede ferroviária espanhola, a afluência de banhistas do país vizinho. Sendo um fenómeno sobretudo associado às classes médias e superiores, descreve-se o dia a dia em “praias de bom-tom”, bem como as principais atividades recreativas praticadas.

Palavras-chave: Veraneio; Turismo balnear; Início do século XX; Praias; Formas de sociabilidade.

¹ Professora Catedrática de História Contemporânea da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e membro Integrado do Centro de História da Sociedade e da Cultura, Unidade I&D da Fundação para a Ciência e da Tecnologia. Dedico este artigo à minha colega Prof. Doutora Isabel Vargues, recentemente aposentada.

Summer vacations in Portugal in the beginning of the 20th century

Abstract

This study undergoes an historical contextualization of the rise of seaside tourism in the 19th century, within the European scenario, and it analyses, in detail, the Portuguese situation. This type of tourism developed largely due to the improvement of accessibility, resulting from the railway construction, which allowed, the connection to the Spanish railway and the consequent onflow of bathers from the neighboring country. Since it is a type of tourism associated to the middle and upper classes, the study describes the daily activity in the so called “proper beaches”, as well as the available recreational activities.

Keywords: Summer vacations; seaside tourism; beginning of the 20th century; beaches; types of sociality.

1. Sobre a emergência europeia do turismo balnear: breve contexto histórico

No decurso do século XIX assistiu-se por toda a Europa ocidental à progressiva vulgarização do acesso às estâncias balneares². Em rigor, o gosto pela permanência na orla marítima e pela prática de banhos de mar surgiu em meados do século XVIII, desenvolvendo-se mais intensamente a partir dos anos trinta e quarenta do século XIX. Tendo

² CASCÃO, Rui, "A invenção da praia: notas para a história do turismo balnear", *A cidade e o campo. Colectânea de estudos*, Coimbra, C.H.S.C., Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2000, p. 323.

tido como berço a Grã-Bretanha e a nobreza como impulsionadora³, o veraneio hélio-marítimo foi-se estendendo pela orla costeira inglesa e francesa, alcançando depois outros países, associando-se aos efeitos medicinais dos "banhos frios", preocupações de distinção, os apelos da moda e os atrativos da vida mundana.

Embora tenha sido a aristocracia responsável pela "invenção da praia"⁴, o turismo estival está sobretudo associado à burguesia, sendo um dos símbolos distintivos do estilo de vida deste grupo social, o qual implicava, entre outros aspetos, a fruição de certas formas de sociabilidade e de lazer que, num passado não muito distante, se restringiam à aristocracia⁵. As revoluções liberais do início do século XIX conduziram não só à substituição das classes dominantes, como implicaram, entre outros aspetos, modificações no próprio conceito de lazer, o qual se diversificou, multiplicando-se as suas modalidades, inventando-se a noção de "turismo de massa" que se converteria, já nos séculos XX e XXI, numa das características da economia das sociedades industriais⁶.

A necessidade de demarcação social do novo grupo social em ascensão passa também pela afirmação de novos valores que questionam os códigos físicos e morais da nobreza, inclusive a noção de higiene pessoal e da prática do banho. Os banhos frios vão-se impondo, legitimados pela ciência médica⁷, sendo associados ao vigor físico⁸.

³ RAUCH, André, *Vacances en France de 1830 à nos jours*, Paris, Hachette Littératures, 2001.

⁴ PORTER, Roy, "Os ingleses e o lazer", Alain Corbin. *História dos tempos livres. O advento do lazer*, Lisboa, Editorial Teorema, Lda., 2001, pp. 44-49.

⁵ SILVA, Susana Serpa, "Luxo, riqueza e distinção: a vida quotidiana das elites sociais oitocentistas", *Arquipélago - Ciências Sociais* nº 11-12, 1998, p. 743.

⁶ PORTER, Roy, *art. cit.*, p. 28.

⁷ PEREIRA, Ana Leonor; Pita, João Rui, "Liturgia higienista no século XIX. Pistas para um estudo", *Revista de História das Ideias*, nº 15, I.H.T.I., Faculdade de Letras, Coimbra, 1993, p. 492.

⁸ VIGARELLO, Georges, *O limpo e o sujo. A higiene do corpo desde a Idade Média. História*, Editorial Fragmentos, Lda., Lisboa, 1988, p. 98.

Quanto aos banhos de mar, são aconselhados no tratamento de várias doenças (da pele, nervosas, raquitismo, entre outras), sobretudo se combinados com a natação.

O veraneio hélio-marítimo beneficia, assim, dos progressos alcançados no seio da medicina, se bem que os argumentos clínicos tendam a ser suplantados por outros mais prosaicos. Se, numa primeira fase, os objetivos terapêuticos condicionavam as deslocações em direção às praias, a exemplo do que ocorria com as termas de águas minerais, progressivamente regridem os argumentos higienistas em favor de motivações mais lúdicas e hedonistas. Como escreveria A. Amorim Pessoa com ironia, cerca de 1880, "O delírio pelos banhos de mar não provém da salutar eficácia das ondas no robustecimento dos organismos definhados [...] mas é o pretexto para mostrar à província como se veste e se diverte a gente do bom tom"⁹. Como bem observa Susana Luísa Mexia Lobo, "Numa primeira fase de apropriação do espaço litoral os objetivos terapêuticos da estadia à beira-mar são [...] secundarizados em relação a pretextos mais mundanos [...] É fora do areal que se constrói uma cultura balnear"¹⁰. O banho medicinal transforma-se, pouco a pouco, no banho por prazer, assumindo uma feição mais recreativa, o que irá permitir, no final de Oitocentos, a eclosão dos exercícios físicos nas praias¹¹, ao mesmo tempo que se promove o desnudamento progressivo do corpo em público.

⁹ PESSOA, A. de Amorim, *Almanach da Praia da Figueira para 1879-1880, (segundo anno)*, Figueira, Typographia Foz do Mondego, 1879, pp. 320-321.

¹⁰ LOBO, Susana Luísa Mexia, *Arquitectura e turismo : planos e projectos. As cenografias do lazer na costa portuguesa, da 1ª República à democracia*, Coimbra, FCTUC, 2013, p. 101; <http://hdl.handle.net/10316/23799>.

¹¹ RAINIS, Michel, *Histoire des clubs de plage (XX^e siècle). Exercices, jeux, concours et sports sur le sable*, Paris, L' Harmattan, 2001, pp. 13-15.

O "désir du rivage", na expressão de Alain Corbin (1988), ou seja, o "desejo pelas margens", tanto marítimas como fluviais, expressa o novo gosto pelo mar, pelo litoral e pelas margens de águas interiores desenvolvido no decurso do século XIX e que se materializou em várias práticas sociais. A sua difusão foi acompanhada por alterações no quadro dos valores - a emergência de novos conceitos de higiene corporal, a afirmação de uma nova sensibilidade, favorável a um relacionamento mais descontraído entre os sexos, a uma representação mais positiva do oceano, esbatendo-se a carga negativa que pesava sobre o mar como "um *locus horrendus*"¹² - numa estreita simbiose entre a água e a natureza. O próprio movimento romântico também influenciou a sensibilidade das elites quanto ao fascínio pelas paisagens marítimas, tanto por via da leitura como da frequência de galerias de arte e museus.

Finalmente, o turismo burguês beneficiou do efeito da publicidade, impondo novos locais de moda, bem como do desenvolvimento dos meios de transporte, em especial da rede ferroviária¹³, enquanto ganhava raízes a nova noção de *férias*, entendida como sinal de distinção e de disponibilidade económica¹⁴.

A promoção do litoral é acompanhada pela formação de

¹² CASCÃO, Rui, *art. cit.*, p. 324.

¹³ Sobre as múltiplas correlações entre o desenvolvimento do turismo e os caminhos-de-ferro veja-se, entre outros, NUNES, João de Sousa, "Entre a insularidade e o cosmopolitismo: a controvérsia sobre o turismo, na Grã-Bretanha nos séculos XVII e XVIII", *Isleña*, nº 4, Jan.-Jun. 1989, pp. 17-24; MATOS, Ana Cardoso de; RIBEIRO, Elói Figueiredo; BERNARDO, Maria Ana, "Caminhos-de-ferro e turismo em Portugal (final do século XIX e primeiras décadas do século XX)", <http://hdl.handle.net/10174/2391>; Irene Vaquinhas, «*Messieurs, faites vos jeux*»: l'expansion des jeux de hasard au Portugal et leur légalisation au tournant des XIX^e et XX^e siècles», *Sciences du jeu* [En ligne], 8 | 2017, mis en ligne le 26 décembre 2017, URL : <http://journals.openedition.org/sdj/837>; DOI : 10.4000/sdj.837.

¹⁴ RAUCH, André, *Vacances en France de 1830 à nos jours*, Paris, Hachette Littératures, 2001, pp. 7-12; Rauch, André, *ob. cit.*

sociedades imobiliárias destinadas à construção de estruturas de apoio aos banhistas e que converterão locais inóspitos em importantes centros¹⁵. Houlgate, Dieppe, Arcachon, Nice ou Deauville, em França, são alguns exemplos de localidades desenvolvidas em função do turismo e de uma eficaz publicidade. O traçado urbano das "terras de banhos" obedece, no entanto, a projetos arquitetónicos relativamente estereotipados, os quais implicam a edificação de equipamentos representativos de uma ideia de modernidade: balneários com cabines para banhos de mar, hotéis, casinos, avenidas de beira-mar, bairros residenciais para banhistas, cais e paredes¹⁶.

No contexto europeu, este modelo urbanístico foi adaptado a cada caso e o "atlas da vilegiatura" subentende hierarquias entre os locais de veraneio, com impacto no público que os frequenta: alguns mais democráticos, outros seletivos em termos sociais. Porém, nenhuma *ville de bains* assume, nos finais do século XIX, um estatuto de primeiro plano se não contar, entre as suas infraestruturas, com balneários com cabines para banhos de mar, hotéis (de preferência um Grande Hotel ou um Casino-hotel) e casinos. O modelo pioneiro, neste campo, foi o da cidade de Bath, no sul de Inglaterra. Pelos seus equipamentos sofisticados funcionou como um exemplo a seguir por outras estâncias balneares ou termas europeias. Enfim, a partir de finais do século XIX, o turismo estival estava consolidado e o cosmopolitismo balnear converte-se num elemento significativo da prosperidade material de inúmeras localidades.

¹⁵ ROUILLARD, Dominique, *Le site balnéaire*, Liège, Pierre Madraga Éditeur, 1984.

¹⁶ ROUILLARD, Dominique, ob. cit., p. 18 ; TOULIER, Bernard, "Architecture des loisirs en France dans les stations thermales et balnéaires (1840-1939)", In: *Divertissements et loisirs dans les sociétés urbaines à l'époque moderne et contemporaine* [en ligne]. Tours: Presses universitaires François-Rabelais, 2005 (généré le 31 décembre 2018). Disponible sur Internet: <<http://books.openedition.org/pufr/637>>. ISBN: 9782869063280. DOI: 10.4000/books.pufr.637.

2. O veraneio em Portugal

Portugal não escapou à moda do veraneio, ainda que com ligeiro atraso relativamente a outros países europeus. Só depois da vitória definitiva do liberalismo, nos anos 1830-1840, é que a vilegiatura marítima se implanta no nosso país¹⁷, ao mesmo tempo que se consolida uma visão positiva do mar, capaz de regenerar organismos enfraquecidos pelos "miasmas urbanos".

As estâncias mais apreciadas localizavam-se, sobretudo, na faixa costeira do Norte e Centro de Portugal, as quais correspondiam às características físicas e climatéricas recomendadas pela medicina do tempo no "robustecimento orgânico": a frescura, a salinidade, a agitação das águas. Com efeito, a praia "mole e passiva"¹⁸, tal como a conhecemos na atualidade, só se tornou dominante na segunda metade do século XX, a partir do momento em que o calor do sol e o "bronzeado" ganham relevo na definição de novos códigos estéticos e de apreciação da natureza marítima. Até essa data, prevalecia o gosto por praias de águas frias e batidas, "grandes ares iodados e lavados pela brisa do Atlântico", areia dura, de efeitos tonificantes. Enfim, a "praia terapêutica"¹⁹, bem longe da "praia lúdica" dos nossos dias.

Aliás, os próprios banhos de mar deviam ser tomados "como um remédio, não por prazer [...] rápidos, com três mergulhos, e apanhando o banhista o choque de sete ondas..."²⁰. A primeira onda deveria ser

¹⁷ VAQUINHAS, Irene Maria, CASCÃO, Rui, "Evolução da sociedade em Portugal: a lenta e complexa afirmação de uma civilização burguesa", *História de Portugal*, Dir. de José Mattoso, vol. V - *O Liberalismo (1807-1890)*, Lisboa, Editorial Estampa, 1993, pp. 453-457.

¹⁸ KAUFMANN, Jean-Claude, *Corps de femmes, regards d'hommes. Sociologie des seins nus*, Paris, Nathan, 1998.

¹⁹ MACHADO, Helena Cristina F., "A construção social da praia", *Sociedade e Cultura 1, Cadernos do Noroeste*, Série Sociologia, vol. 13 (1), 2000, pp. 201-218.

²⁰ COLAÇO, Branca de Gonta, ARCHER, Maria, *Memórias da Linha de Cascais*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1943, p. 19.

"boa, isto é, sem areia, [...] e depois se tomarão as ondas se vierem sem grande demora umas atrás das outras"²¹.

A imersão implicava particulares cuidados, realizando-se com pudor e recato. "Homens e mulheres entravam na água com longos fatos de malha, colantes, às riscas horizontais brancas e pretas, joelhos cobertos e mangas abaixo dos cotovelos. As senhoras arrastavam pela areia e pela água pesadas caudas duns vestidos de castorina escura, avivada a nastro branco"²², ou, como escreveria Guerra Junqueiro, "As damas do bom tom / Estorcem-se no mar / Vestidas lindamente á *benoiton*"²³. À medida que se avança pelo século XX, o fato de banho feminino vai-se modificando, aparecendo os "calções de castorina escura, com folho debaixo do joelho, um grande casaco com abas, até meio da coxa, avivado a nastro branco"²⁴. Sobre esta indumentária, a revista *Moda Ilustrada* esclarecia que: "Para não molhar o cabelo utiliza-se na cabeça uns bonets de tons vivos [...] usam-se também chapéus enormes, em forma de capota, género cabriolet, para proteger o rosto contra os raios de sol [...] o calçado usa-se em *toile* flexível, sendo em geral, de canos altos e atados com fitas"²⁵. Almanques e obras especializadas davam recomendações quanto aos cuidados a ter "antes, durante e depois do banho", advertindo para os seus efeitos perniciosos, em caso do não cumprimento rigoroso das regras.

Este discurso, considerado "científico", refletia-se na escolha das praias, preferindo-se as localizadas no litoral "norte". Na listagem das praias classificadas como "estâncias", por decreto governamental

²¹ PESSOA, A. de Amorim, *ob. cit.*, p. 10.

²² COLAÇO, Branca de Gonta; Archer, Maria, *ob. cit.*, p. 19.

²³ JUNQUEIRO, Guerra, "As praias", in A. de Amorim Pessoa, *Almanach da Praia da Figueira para 1878-1879 ou Guia completo do banhista n'esta frequentada praia*, 1^o Anno, Figueira, Typographia Foz do Mondego, 1878, p. 181.

²⁴ COLAÇO, Branca de Gonta; Archer, Maria, *ob. cit.*, p. 20.

²⁵ *A Moda Ilustrada*, n^o 964, 29 de Julho de 1907, fl. 234.

de 14 de Março de 1923²⁶, apenas 17 (24,6%) se situavam na parte meridional do país: Albufeira, Armação de Pera, Lagos, S. Roque, D. Ana, Estudantes, Pinhão, Entre Santos, Monte-Gordo, Porto-Côvo, Praia da Rocha, Sines, Vila Nova de Milfontes, Mira, Almogrove, Zambujeira e Nossa Senhora da Luz. A grande maioria, e aquelas que eram elogiadas na imprensa ou beneficiavam do turismo e do afluxo temporário de banhistas, distribuía-se pelo litoral norte e centro, compreendido entre o Douro e o Tejo. Porém, no ano de 1918 (Decreto nº 4819 de 19 de Setembro)²⁷, só eram consideradas “terras de turismo” sete praias: Miramar, Granja, Espinho, Figueira da Foz, Cascais, Monte Estoril, Estoril e Praia da Rocha, classificação que tem em conta a qualidade do espaço urbano e dos equipamentos para banhistas.

A importância tomada pela vilegiatura, em geral, e pela praia, em particular, no decurso da segunda metade do século XIX, teve um impacto decisivo em algumas localidades, transformando-as em polos de atração turística.

A praia de Espinho é, a este nível, paradigmática. Se, no início do século XIX, o lugar de Espinho não passava de um amontoado de palheiros de pescadores, a partir de 1830, inicia-se a construção de palheiros destinados ao veraneio²⁸. Foi, no entanto, o desenvolvimento dos transportes, em especial do caminho de ferro, cuja estação foi inaugurada em 1873, que imprimiu dinamismo à localidade. Como resultado, a população aumentou, foram criadas infraestruturas e serviços de apoio (abastecimento de água potável,

²⁶ Decreto nº 8714 de 14 de Março de 1923, I Série, nº 53, *Diário do Governo*, pp. 286-287.

²⁷ Decreto nº 4819 de 19 de Setembro de 1918, I Série, nº 204, *Diário do Governo*, pp. 1705.

²⁸ RIBEIRO, Armando Manuel Barge Bouçon, *Sociabilidades e marginalidades em Espinho: práticas sociais, culturais e associativas (1889-1915)*, Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Novembro de 2001, p. 5.

iluminação pública, construção de ruas, equipamentos hoteleiros e outros, etc.), e, finalmente, em 1889, foi elevada a freguesia. Em pouco tempo, Espinho tornou-se numa afamada estância balnear. Este tipo de análise poder-se-ia estender a outras localidades que acusavam o impacto dos veraneantes na indústria hoteleira, no setor imobiliário ou na abertura de casas de recreio.

De uma forma geral, os avanços nos meios de comunicação, em especial os caminhos de ferro, contribuíram para o lançamento de locais de veraneio, multiplicando o afluxo de forasteiros, sobretudo de nacionalidade espanhola. A ligação ferroviária entre Portugal e Espanha, em 1863, e, a partir de 1880, a abertura do ramal de Cáceres e a linha direta entre Lisboa e Madrid, intensificaram a procura turística de cidadãos espanhóis, provenientes sobretudo das províncias fronteiriças ou do interior da meseta ibérica. As praias de Espinho e da Figueira da Foz eram o destino preferido da “colónia espanhola” que anualmente chegava por finais de Junho, mantendo-se até ao fim de Agosto.

Ramalho Ortigão dedica uma obra às praias portuguesas do último quartel do século XIX²⁹. Numa escrita bem-humorada vai elencando as diversas praias da moda, classificando-as segundo os frequentadores: por um lado, as praias cujo acesso se tinha democratizado; por outro, as de acentuada seleção social. Correspondem ao primeiro tipo as praias da Póvoa de Varzim, de Espinho, da Nazaré e da Figueira da Foz. Quanto a esta última praia, era de acesso democrático, embora seletiva em termos temporais, “com duas camadas diferentes de banhistas”. Os meses de Agosto e de Setembro eram reservados aos mais abonados, “a praia engravatada

²⁹ ORTIGÃO, Ramalho, *As praias de Portugal. Guia do banhista e do viajante*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1966.

ou praia de bom-tom”. Já no mês de Outubro predominavam os banhistas ditos de “alforge”, gente modesta e de baixa extração social, que, após os trabalhos agrícolas das colheitas, vinha tomar os banhos prescritos pelo médico e curar moléstias³⁰.

Para o mesmo período temporal, o escritor Alberto Pimentel evoca a transformação ocorrida na Foz do Douro (Porto), referindo que “A casaria devorou o deserto, a solidão desapareceu, e o farol e o cemitério, outrora tão solitários, não distam hoje muito dos bairros novos, edificados nos últimos vinte anos”³¹. Também divide a população balnear em “dois turnos: o primeiro que chega em Agosto e se retira no início de Outubro, constituído por famílias ricas do Porto, e o segundo que chega já depois das colheitas, formado por “gente de Cima do Douro”, em especial lavradores, proprietários, mas também remediados e até pobres”³².

Correspondem ao modelo seletivo, as praias da Granja e as da Costa do Estoril. A Granja, estância balnear criada depois da abertura da estação ferroviária, em 1864, era, nos finais do século XIX, uma “praia de algibeira” (pela sua dimensão e pelos encargos financeiros que a sua frequência impunha), pois a ela concorria um grupo social bastante restrito que aí possuía as suas vivendas e *chalets*. Já a Póvoa do Varzim era uma das praias preferidas das elites nortenhas, em especial, da “burguesia minhota”, apontando algumas fontes uma frequência da ordem dos vinte mil veraneantes por volta de 1870³³.

³⁰ VAQUINHAS, Irene Maria, CASCÃO, Rui, *art. cit.*, pp. 453-457.

³¹ PIMENTEL, Alberto, *O Porto há trinta anos*, Porto, Universidade Católica Editora, 2011, p. 168.

³² PIMENTEL, Alberto, *ob. cit.*, p. 169.

³³ MARTINS, Pedro Alexandre Guerreiro, *Contributos para a história do ir à praia em Portugal*, Lisboa, FCSH da UNL (Dissertação de Mestrado), 2011, p. 20; <http://hdl.handle.net/10362/7093>

Entre as praias da costa de Lisboa destacam-se as de Pedrouços, Paço de Arcos e Cascais; o Estoril só se desenvolverá a partir de 1890³⁴. Cascais era já então uma zona cara, onde começavam a proliferar os palacetes da aristocracia e da alta burguesia que aí se instalavam em Setembro, depois de terem permanecido em Sintra durante os meses mais quentes. Esta praia converter-se-á, porém, em "praia da corte" com D. Luís e, sobretudo, com D. Carlos e D. Amélia que aí estanciavam durante o mês de Setembro, impondo-a como local de moda. A partir do momento em que se inaugura a ligação ferroviária a Lisboa, no ano de 1889, multiplicaram-se os veraneantes, os palacetes, os arvoredos, surgindo também novos povoados. Mais tarde, já no início do século XX, surge o Estoril. Com a voga desta nova estância, na qual se constroem hotéis de luxo e o célebre Casino - a primeira pedra é lançada em 1916 - Cascais entra em declínio.

3. O dia-a-dia do banhista de "bom-tom"

Em regra, o dia-a-dia de um banhista de bom tom, no final do século XIX, era muito preenchido, tendo "três períodos [...]: o do banho, o do passeio e o dos contactos sociais", polarizado entre "a casa, a praia, o passeio público e a assembleia/o café/o clube ou o casino" ³⁵. Segundo alguns autores do tempo: "Das sete às onze são as horas do banho [...], dos que são amos ou dispõem de si. Muito antes, a partir das 4 horas da manhã eram precedidos pelos camponeses [...] que, por volta das 5-6 horas da manhã mergulhavam nas águas: eles de ceroulas; elas de camisa". Após o banho, almoçava-se (atual pequeno-almoço) café com leite e pão com manteiga. O resto da manhã era

³⁴ MARTINS, Pedro Alexandre Guerreiro, *ob. cit.*, pp. 28-30.

³⁵ MARTINS, Luís Paulo Saldanha, "Banhistas de mar no século XIX. Um olhar sobre uma época", *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*, 1^ª série, Vol. V, Porto, 1989, p. 54.

passado a apanhar sol, enquanto se conversava ou se ouvia cantar o cego. O objetivo não era o bronzear-se. Ninguém pretendia ser semelhante a gente do campo, crestada pelo sol e pelo vento. Só a partir da industrialização, devido aos tons macilentos do operariado, é que o bronzeado começa a ser valorizado, como sinónimo de não-operário. Também tiveram influência a moda e as novas tendências impostas por afamados estilistas, como Coco Chanel.

Por volta do meio-dia era o regresso a casa para o jantar (atual almoço). Da parte da tarde, as opções eram variadas. A "sesta", piqueniques nos pinhais, atividades desportivas como as regatas, torneios de ténis, corridas de bicicletas ou de burros, caça à rola, tiro aos pombos, e, sobretudo, os passeios, a pé, pela praia ou pelos arredores, de carruagem ou de landau: pelo Passeio Alegre na Foz do Douro, pelo Paredão da Póvoa do Varzim, no Chiado de Espinho ou então nos areais. Pontualmente, nas praias do norte, assistia-se a corridas de cavalos no hipódromo de Matosinhos.

A tarde tinha, ainda, outros interesses: as reuniões nas assembleias, nos clubs ou nos cafés, para conversar, declamar, cantar ou tocar piano, jogar bilhar ou às cartas, sobretudo na roleta. O jogo de fortuna ou azar constituía "a grande febre da época dos banhos"³⁶ e um dos principais atrativos de qualquer estância balnear, sem o qual diminuíam os veraneantes, sobretudo de nacionalidade espanhola. A atividade desportiva também tinha lugar, em particular, nas praias do norte do país. O *cricket*, o *foot-ball*, o *lawn-tennis* eram os desportos mais praticados. À noite, tinham lugar as soirées musicais, poéticas ou dançantes e, mais uma vez, o jogo de fortuna ou azar.

³⁶ MARTINS, Luís Paulo Saldanha, *art. cit.*, p. 56.

Já quanto às preferências musicais, a partir da programação da principal casa de espetáculos da Figueira da Foz nos primeiros anos do século XX – o Grande Casino Peninsular – é possível ter uma ideia dos autores tocados e tipologias de músicas³⁷. A partir das 14 horas realizavam-se concertos, efetuando-se nas 2^a, 3^a e 4^a Feiras, solos de violino, de piano e de violoncelo, enquanto, nas 6^a feiras, as sessões eram dedicadas à música de Câmara. A música fazia-se novamente ouvir ao fim da tarde, acompanhando o jantar no Café-Restaurante. Seguia-se o baile no Salão Nobre até à meia-noite. As atividades lúdicas seguem uma linha seletiva, rompendo-se com as diversões de sabor popular como os números de circo, apreciadas em períodos anteriores. Diariamente, na época balnear, durante a tarde, realizavam-se concertos musicais, executados por pequenas orquestras constituídas, em média, por seis elementos (“sextetos”). À noite, a música alternava com a números de variedades, na linha dos repertórios dos cafés-concerto, sendo muito apreciadas as artistas espanholas. Quanto aos concertos musicais, as preferências recaíam sobre trechos das óperas e das operetas de Puccini (1858-1924), de Rossini (1858-1924), de Gounod (1818-1893), de Bizet (1838-1875); de cantatas de Chopin (1810-1840), de Mayerbeer (1791-1864) ou de Mendelssohn (1809-1847), bem como zarzuelas de autores como Ruperto Chapí (1851-1909) ou Federico Chueca (1846-1908), entre outros compositores. Muito apreciadas eram também as peças teatrais ou musicadas de autores locais. A partir de 1896, a cidade contava também com animatógrafos, substituídos mais tarde, pelos cinematógrafos. De igual forma, também se realizavam, nos vários

³⁷ VAQUINHAS, Irene, *O casino da Figueira. Sua evolução histórica desde o Teatro-Circo à actualidade (1884-1978)*, 2^a edição, Coimbra, Palimage, 2012, pp. 124-134; VAQUINHAS, Irene, “A Figueira da Foz da Belle Époque (1890-1914)”, *II Encontros de Cultura e Património: a Visita Real de 1882*, coordenação de Guida Cândido e Margarida Perrolas, Figueira da Foz, Cadernos Municipais, Município da Figueira da Foz, 2019, pp. 87-109; <http://hdl.handle.net/10316/87650>

casinos da cidade da Figueira da Foz, números de *Folies bergères*, ou seja, espetáculos de *cancan*, destinados sobretudo ao público masculino, onde imperava o *galop* produzido por Offenbach para a ópera *Orphée aux enfers*.

4. Em conclusão

A moda do veraneio e o tratamento médico chamado de “ir a banhos” divulgou-se, no nosso país, sobretudo no último quartel do século XIX, sendo sobretudo praticado pelas elites nas praias do norte e do centro do país. Só lentamente foi apropriada por outros segmentos da sociedade que seguiram os passos dos estratos superiores e que funcionaram como agentes de democratização dessa nova prática de lazer. Com o turismo marítimo impuseram-se novas formas de sociabilidade, originais e inovadoras, exigindo a moda das praias a criação de infraestruturas materiais capazes de suportar a permanência de um volume cada vez maior de pessoas nas áreas do litoral. Desta forma, o tratamento de “doenças” tornou-se um pretexto para as deslocações para as praias da moda e que a etiqueta e as conveniências sociais impunham como de bom-tom, como então se dizia.

Fontes e Bibliografia

Fontes:

COLAÇO, Branca de Gonta; ARCHER, Maria, *Memórias da Linha de Cascais*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1943.

Decreto nº 8714 de 14 de Março de 1923, I Série, nº 53, *Diário do Governo*, pp. 286-287.

Decreto nº 4819 de 19 de Setembro de 1918, I Série, nº 204, *Diário do Governo*, pp. 1705.

JUNQUEIRO, Guerra, "As praias", in A. de Amorim Pessoa, *Almanach da Praia da Figueira para 1878-1879 ou Guia completo do banhista n'esta frequentada praia*, 1º Anno, Figueira, Typographia Foz do Mondego, 1878, p. 181.

A Moda Ilustrada, nº 964, 29 de Julho de 1907.

ORTIGÃO, Ramalho, *As praias de Portugal. Guia do banhista e do viajante*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1966.

PESSOA, A. de Amorim, *Almanach da Praia da Figueira para 1879-1880, (segundo anno)*, Figueira, Typographia Foz do Mondego, 1879, pp. 320-321.

PIMENTEL, Alberto, *O Porto há trinta anos*, Porto, Universidade Católica Editora, 2011.

Bibliografia:

LOBO, Susana Luísa Mexia, *Arquitectura e turismo: planos e projectos. As cenografias do lazer na costa portuguesa, da 1ª República à democracia*, Coimbra, FCTUC, 2013 ; <http://hdl.handle.net/10316/23799>

CASCÃO, Rui, "A invenção da praia: notas para a história do turismo balnear", *A cidade e o campo. Colectânea de estudos*, Coimbra, C.H.S.C. - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2000, pp. 321-341.

CORBIN, Alain, *Le territoire du vide. L'Occident et le désir du rivage (1750-1840)*, Paris, Aubier, 1988.

KAUFMANN, Jean-Claude, *Corps de femmes, regards d'hommes. Sociologie des seins nus*, Paris, Nathan, 1998.

MACHADO, Helena Cristina F., "A construção social da praia", *Sociedade e Cultura 1, Cadernos do Noroeste*, Série Sociologia, vol. 13 (1), 2000, pp. 201-218.

MARTINS, Luís Paulo Saldanha, "Banhistas de mar no século XIX. Um olhar sobre uma época", *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*, 1º série, Vol. V, Porto, 1989, pp. 45-57.

MARTINS, Pedro Alexandre Guerreiro, *Contributos para a história do ir à praia em Portugal*, Lisboa, FCSH da UNL (Dissertação de Mestrado), 2011; <http://hdl.handle.net/10362/7093>.

MATOS, Ana Cardoso de; RIBEIRO, Elói Figueiredo; BERNARDO, Maria Ana, "Caminhos-de-ferro e turismo em Portugal (final do século XIX e primeiras décadas do século XX)", <http://hdl.handle.net/10174/2391>.

NUNES, João de Sousa, "Entre a insularidade e o cosmopolitismo: a controvérsia sobre o turismo, na Grã-Bretanha nos séculos XVII e XVIII", *Isleña*, nº 4, Jan.-Jun. 1989, pp. 17-24.

PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui, "Liturgia higienista no século XIX. Pistas para um estudo", *Revista de História das Ideias*, nº 15, I.H.T.I., Faculdade de Letras, Coimbra, 1993, p. 437-559.

PORTER, Roy, "Os ingleses e o lazer", Alain Corbin. *História dos tempos livres. O advento do lazer*, Lisboa, Editorial Teorema, Lda., 2001, pp. 21-58.

RAINIS, Michel, *Histoire des clubs de plage (XX^e siècle). Exercices, jeux, concours et sports sur le sable*, Paris, L' Harmattan, 2001, pp. 13-15.

RAUCH, André, *Vacances en France de 1830 à nos jours*, Paris, Hachette Littératures, 2001.

RAUCH, André, *Vacances et pratiques corporelles. La naissance des morales du dépaysement*, Paris, P.U.F., 1988.

RIBEIRO, Armando Manuel Barge Bouçon, *Sociabilidades e marginalidades em Espinho: práticas sociais, culturais e associativas (1889-1915)*, Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Novembro de 2001.

ROUILLARD, Dominique, *Le site balnéaire*, Liège, Pierre Madraga Éditeur, 1984.

SILVA, Susana Serpa, "Luxo, riqueza e distinção: a vida quotidiana das elites sociais oitocentistas", *Arquipélago - Ciências Sociais* nº 11-12, 1998, p. 715-748.

TOULIER, Bernard. *Architecture des loisirs en France dans les stations thermales et balnéaires (1840-1939)* In *Divertissements et loisirs dans les sociétés urbaines à l'époque moderne et contemporaine* [en ligne]. Tours : Presses universitaires François-Rabelais, 2005 (généré le 31 décembre 2018). Disponible sur Internet : <<http://books.openedition.org/pufr/637>>. ISBN : 9782869063280. DOI : 10.4000/books.pufr.637.

VAQUINHAS, Irene, "A Figueira da Foz da Belle Époque (1890-1914)", *II Encontros de Cultura e Património: a Visita Real de 1882*, coordenação de Guida Cândido e Margarida Perrolas, Figueira da Foz, Cadernos Municipais, Município da Figueira da Foz, 2019, pp. 87-109; <http://hdl.handle.net/10316/87650>

Irene Vaquinhas

VAQUINHAS, Irene, « *Messieurs, faites vos jeux* » : l'expansion des jeux de hasard au Portugal et leur légalisation au tournant des XIX^e et XX^e siècles», *Sciences du jeu*[En ligne], 8 | 2017, mis en ligne le 26 décembre 2017, URL : <http://journals.openedition.org/sdj/837>; DOI : 10.4000/sdj.837

VAQUINHAS, Irene, *O casino da Figueira. Sua evolução histórica desde o Teatro-Circo à actualidade (1884-1978)*, 2^a edição, Coimbra, Palimage, 2012.

VAQUINHAS, Irene Maria; Cascão, Rui, "Evolução da sociedade em Portugal: a lenta e complexa afirmação de uma civilização burguesa", *História de Portugal*, Dir. de José Mattoso, vol. V - *O Liberalismo (1807-1890)*, Lisboa, Editorial Estampa, 1993, pp. 453-457.

VIGARELLO, Georges, *O limpo e o sujo. A higiene do corpo desde a Idade Média*. *História*, Editorial Fragmentos, Lda., Lisboa, 1988.